

## Primeira Parte

### **Status Quaestionis, Apresentação e Metodologia**

#### 1.1.

##### **Status Quaestionis**

As diferentes posições dos autores diante da discutida questão da relação entre o Evangelho de João e a comunidade essênica de Qumran serão apresentadas a seguir em três momentos. Primeiro, aqueles autores que mantiveram uma atitude de reserva quanto a uma possível influência sobre os escritos joaninos, defendendo apenas um pano de fundo judaico geral no desenvolvimento do pensamento no Quarto Evangelho. Num segundo momento, a posição de autores que não reconhecem qualquer influência dos escritos de Qumran sobre a formação literária do Quarto Evangelho. Por último, os autores que, com maior convicção, reconhecem a influência, direta ou indireta, do pensamento essênico expresso na literatura de Qumran sobre o processo de formação do Quarto Evangelho.

**1º grupo:** Autores que reconhecem apenas a influência de um sincretismo religioso judaico sobre o Quarto Evangelho, sem que com isso se entenda um influxo direto ou específico da doutrina de Qumran:

R. E. Brown<sup>53</sup> (1955) considerou que os paralelos existentes não são próximos o suficiente para sugerir uma influência literária de Qumran sobre João; mas eles ao menos mostram familiaridade com o tipo de pensamento encontrado nele. Porém, acrescentou que é preciso admitir a possibilidade de que este pensamento e este vocabulário não sejam uma propriedade exclusiva dos essênios de Qumran. A respeito das diferenças, lembra que o Quarto Evangelho é um documento cristão, de modo que a centralidade de Jesus no pensamento joanino faz a completa diferença da teologia de Qumran, que está centrada na lei, embora ambos tenham suas raízes no Antigo Testamento. Para Brown, isto é de se esperar; portanto, são óbvias. O fato de haver tais diferenças não conduz

---

<sup>53</sup> Cf. BROWN, R. E., *The Gospel According to John*, **Anchor Bible 29**, p. LXIII; Id., *The Qumran Scrolls and the Johannine Gospel and Epistles* in **CBQ 17** (1955), p. 403-419.

necessariamente a pensar que não pode haver relação entre João e Qumran. De fato, explica, as ideias desenvolvidas na comunidade de Qumran foram muito difundidas em círculos judaicos no séc. I; e provavelmente, foi através de tais fontes que Qumran teve efeito indireto sobre a literatura joanina. Esta relação indireta poderia ser muito bem explicada se houvesse conversões para a comunidade joanina de judeus que tinham feito parte da comunidade essênica de Qumran. Aqui, Brown admite que tais judeus poderiam ter sido seguidores de João Batista, cujo ministério tinha proximidade geográfica com a colônia estabelecida em Qumran. Ele vê ainda um nexos particular entre os seguidores de João Batista e a comunidade joanina, ou seja, os primeiros cristãos joaninos vieram do movimento de João Batista. E este nexos estava centralizado na figura do Discípulo Amado.

G. Stemberger<sup>54</sup> (1970), considerando o simbolismo do bem e do mal presente nos escritos joaninos, foi de opinião de que não existe um paralelo exato entre as literaturas joanina e qumrânica. Como um exemplo específico, enfatizou que, enquanto para Qumran, luz e trevas foram criadas por Deus, em João, as trevas representam a recusa da luz divina dada pelos homens a Deus.

Convencido de que é possível aceitar somente a existência de um pano de fundo palestinese na evolução da tradição do Quarto Evangelho, G. Quispel<sup>55</sup> (1973) defende que o ambiente no qual nasceu o Evangelho joanino está incluído entre os segmentos do judaísmo da época; e neste sentido, também os essênios. Deste modo, é de opinião que não se pode concluir que o pensamento presente no evangelho segundo João seja resultado da influência de um único ramo do pensamento judaico do primeiro século, como seria de pensar na influência essênica apenas.

A. G. Lamadrid<sup>56</sup> (1973) apresentou um balanço detalhado dos vinte e cinco anos de estudo sobre as descobertas nas grutas de Qumran e vizinhanças. Na parte que trata das relação entre os manuscritos e o Novo Testamento, fez um paralelo entre Jesus e o Mestre da Justiça, entre Qumran e João Batista, e entre as obras de Qumran e os escritos paulinos, joaninos, a carta aos Hebreus e os evangelhos

<sup>54</sup> Cf. STEMBERGER, G., *La symbolique du bien et du mal selon saint Jean*. Paris: Éditions du Seuil, 1970.

<sup>55</sup> Cf. QUIPEL, G., *Qumran, John and Jewish Christianity* in CHARLESWORTH, J. H., *John and Qumran* in **RQ 30**, 1973.

<sup>56</sup> Cf. LAMADRID, A. G., *Los Descubrimientos del Mar Muerto - Balance de veinticinco años de hallazgos y estudios*. Madrid: La Editorial Católica, 1973.

sinóticos. Para ele, toda a vida e a obra de Jesus estão apresentadas sob o sinal da luta contra o demônio, príncipe do mal. Concluiu assim que os paralelismos mais estreitos entre Qumran e o Novo Testamento se encontram nos escritos paulinos, joaninos e na carta aos Hebreus, ou seja, num estágio posterior do cristianismo apostólico. Porém, as afinidades mais próximas entre a literatura de Qumran e a do neotestamentária são encontradas nos escritos joaninos. Na seção doutrinal da Regra (1QS 3,13-4,26,) há pares antitéticos, como luz/trevas, verdade/perversão, que são meios em que estão submetidos os homens e através dos quais atuam os protagonistas da luta, que constituem outros pares antitéticos: filhos da luz/filhos das trevas, anjos da verdade/anjos da mentira, espírito da verdade/espírito da perversão. Como em Qumran, o dualismo no Quarto Evangelho é uma das notas que se destacam nos escritos joaninos, principalmente no evangelho e na primeira carta. Neste sentido, Lamadrid comenta os dualismo luz/trevas, verdade-mentira, filhos da luz-filhos das trevas e Jesus-Satã. Apesar de reconhecer estreita afinidade entre Qumran e João no tema do dualismo, Lamadrid adverte importantes diferenças, sendo a principal a base cristológica presente em João, que o diferencia radicalmente de Qumran. Conclui assim que não se pode demonstrar de modo evidente e incontestável que João depende de maneira direta de Qumran.

Também J. A. Fitzmyer<sup>57</sup> (1988) procurou traçar de modo sintético os contatos literários entre Qumran e o Novo Testamento, de modo particular as cartas paulinas, os evangelhos sinóticos, a epístola aos Hebreus e os escritos joaninos. Segundo ele, tais paralelos são úteis enquanto podem dar uma ideia da influência da matriz judaica Palestina que se deixa refletir nestes escritos nestestamentários, e que agora são iluminados com a descoberta da literatura de Qumran. Quanto ao Quarto Evangelho, apresentou que é o dualismo modificado ético de Qumran que esclarece o dualismo joanino, especialmente aqueles presentes em 1QS 3,18-25 e Jo 1,4-6; 14,17.26.

Dentro do debate sobre as possíveis conexões literárias entre o pensamento de Qumran e o corpo de escritos joaninos, D. Marzotto<sup>58</sup> (1977) dedicou-se a analisar o significado do termo *jahad* ("unidade", "comunidade"), utilizado com

<sup>57</sup> Cf. FITZMYER, J. A., *The Qumran Scrolls and the New Testamente After Forthy Years* in **RQ** **13** (1988), p. 619.

<sup>58</sup> Cf. MARZOTTO, D, *L'Unità degli Uomini nel Vangelo di Giovanni* in **RivB** **9** (suplemento), 1977, p. 243-247.

frequência pelo grupo de Qumran (cf. 1QS 5,2.7), em comparação com o uso que o Quarto Evangelho faz da palavra "unidade" (Jo 11,52). Reconheceu, então, que entre os dois ambientes pode haver alguma influência, ao menos indireta. No entanto, lembra que, apesar de Qumran falar de amor e de comunhão entre os membros da comunidade, diversa é a perspectiva geral com relação ao Quarto Evangelho. Acrescenta ainda que, na Regra da Comunidade, a conversão é a uma Lei, a uma norma de conduta; na perspectiva joanina, a conversão é a Cristo, que convoca à unidade (cf. Jo 17,11-12).

**2º grupo:** Autores que não reconhecem qualquer influência dos escritos de Qumran sobre a formação literária do Quarto Evangelho, de modo que os temas aparentados nas duas literaturas não devem ser tidos como um influxo do movimento essênio sobre o evangelho joanino:

K. G. Kuhn<sup>59</sup> (1950) não teve dúvida de que as analogias e aproximações entre o evangelho de João e os manuscritos de Qumran são importantes. Reconhece que, pela primeira vez, trata-se de um verdadeiro quadro de referências em terras palestinas, não só quanto à data e ao local, mas também quanto ao parentesco teológico fundamental. Destaca, assim, que o dualismo empregado nos escritos joaninos - como luz/trevas, verdade/mentira - é exatamente da mesma natureza daquele encontrado nos manuscritos; ou seja, refere-se a um dualismo não metafísico, como dos escritos gregos, mas monoteísta e escatológico.

C. H. Dodd<sup>60</sup> (1953) evidenciou os conceitos aparentes entre os textos de Qumran e a teologia do cristianismo primitivo, principalmente a do Quarto Evangelho, comparando também as diferentes idéias fundamentais, em particular o dualismo e a noção de Espírito. Mas não considera que houve uma influência direto do pensamento de Qumran sobre a formação do Quarto Evangelho.

Utilizando a Regra da Comunidade (1QS) e os apocalipses do judaísmo tardio, G. Baumbach<sup>61</sup> (1957) desenvolveu um estudo comparativo das expressões

<sup>59</sup> Cf. MENOUD, H, *Les Études Johanniques de Bultmann a Barrett* in **RecBib III**, (1958), p. 37; HUNTER, A. -M., *Saint Jean Témoin du Jésus de L'Histoire*. Paris: Les Éditions du Cerf, (1970), p. 33.

<sup>60</sup> Cf. DODD, C. H., *The Interpretation of the Fourth Gospel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1953.

<sup>61</sup> Cf. BAUMBACH, G., *Qumran und das Johannes Evangelium*, citado por SCHNACKENBURG, R., *El Evangelio Según San Juan I*, p. 158-159.

dualistas presentes tanto em Qumran como no Evangelho de João. Chegou, assim, ao resultado de que não há um influência direto da Regra sobre o Evangelho. Segundo ele as coincidências entre ambos escritos teriam seu fundamento no campo comum de concepções do judaísmo tardio.

Também no ano de 1957, F. G. Grant<sup>62</sup> criticou a teoria que sustentava, a partir de certos paralelos com Qumran, que o Quarto Evangelho teria sido escrito na Palestina, antes ou pouco depois da queda de Jerusalém, por João, filho de Zebedeu. Acrescentou ainda que, no evangelho joanino, há muitos paralelos com a literatura religiosa helenística e mesmo egípcia, e poucos com os escritos do Mar Morto. Concluiu, então, que tais paralelos testificam apenas o sincretismo religioso, que existia naquele período, e que influenciou os mais diversos tipos de vidas e pensamentos, mesmo os judaicos e mesmo os essênios.

Dentro da mesma concepção se posicionou C. Blackman<sup>63</sup> (1959) ao observar que o que parece ter sido utilizado de Qumran pelos cristãos, inclusive os joaninos, foram apenas as ideias que derivavam do judaísmo contemporâneo, ou mesmo de uma fonte comum a partir do Antigo Testamento. Daí chegou à conclusão de que os aparentes paralelos existentes entre a literatura qumrânica e os escritos joaninos ou paulinos não justificam pensar em uma influência direta de um sobre o outro.

Na intenção de responder à pergunta se realmente os escritos de Qumran estão na origem das tradições do Quarto Evangelho, H. Teeple<sup>64</sup> (1960) apresentou em sua obra uma série de feições existentes na literatura qumrânica, mas não no Quarto Evangelho; e vice-versa, ou seja, presentes no Quarto Evangelho, mas não em Qumran. A seguir, demonstrou os paralelos em linguagem, mas não em pensamento; na linguagem e talvez no pensamento; por fim, paralelos em ideias gerais. Teeple chegou à conclusão que a maior parte dos paralelos entre Qumran e João ocorre no Antigo Testamento e na literatura apócrifa que eram utilizados pelos cristãos; e que muitos paralelos com Qumran ocorrem também no resto do Novo Testamento. Daí, admitiu que o evangelho joanino pôde, de modo geral, ter recebido influências do ambiente judaico, mas que isto não exclui as influências vindas de ambientes não palestinos, como do

<sup>62</sup> Cf. GRANT, F. C., *The Gospels: Their Origin and Growth*. New York: [s.e.], 1957.

<sup>63</sup> Cf. BLANCKMANN, G., *The Critical Quest: The Christian Century*. Chicago: [s.e.], 1959.

<sup>64</sup> Cf. TEEPLE, H., *Qumran and the origin of the Fourth Gospel* in **NT 4** (1960), p. 6-25.

pensamento gentio. Sustentou, enfim, que o Quarto Evangelho não foi influenciado por Qumran.

Em 1960, a obra de S. Schulz<sup>65</sup>, no âmbito da história das religiões, considerou que a comunidade primitiva, da qual nasceu a tradição joanina é a "confluência dos diferentes grupos heterodoxos do judaísmo da época: dos membros de Qumran, mandeos primitivos, apocalípticos e círculo de batizantes". Segundo ele, o círculo joanino era constituído em seu núcleo por membros provenientes do meio sectário judaico tardio da Palestina e se fizeram cristãos: um judeu-cristianismo sincretista e gnostizante.

J. Marsh (1968) chegou a reconhecer consideráveis paralelos entre os escritos da comunidade essênia de Qumran e o Novo Testamento em geral, e o Quarto Evangelho em particular. Segundo ele, o autor do Quarto Evangelho poderia ter lido os textos da Regra da Comunidade e ter sido influenciado por eles. Dentre as semelhanças entre as duas literaturas, destaca o dualismo entre o bem e o mal, um dualismo ético como distinto do dualismo metafísico característico do gnosticismo ou das religiões iranianas. Marsh, no entanto, também destacou as diferenças apresentadas entre o Evangelho joanino e os manuscritos de Qumran, como o fato dos dois líderes qumrânicos do bem e do mal serem seres criados por Deus; mas João nunca sublinha isso, ao contrário, enfatiza que o líder da Luz, a própria Luz, veio ao mundo. Além desse aspecto, para Qumran, a intervenção de Deus é claramente um evento escatológico num futuro não conhecido, para o Quarto Evangelho tal evento já se realizou em Jesus. Daí que, para Marsh, fica evidente que, tanto para o caso de Qumran, como para outros movimentos religiosos, não há evidência que alguma ideia cristã tenha sido derivada de seus escritos, ou de seu mundo de ideias e práticas que tais literaturas representam. As evidências de uso de imagens e termos idênticos não estabelecem a dependência de um sobre o outro.

Foi a influência do judaísmo sobre o Evangelho de João que levou C. K. Barret<sup>66</sup> (1972) a reconhecer certos paralelos entre João e Qumran, como o dualismo bem/mal, vida/morte, luz/trevas, felicidade/dor, entre outros. Observou, porém, que esta característica dualista também é encontrada no AT. Barret acha

<sup>65</sup> Cf. SCHULZ, S., *Komposition und Herkunft der johanneischen Reden*. Stuttgart: Vandernhoeck & Ruprecht, 1960, p. 182-187.

<sup>66</sup> Cf. BARRET, C. K., *The Prologue of St. John: New Testament Essays*. London: Athlone, 1971; Id., *The Gospel According to St. John*. Philadelphia: The Westminster Press, 1978.

muito provável que, nas formulações do Quarto Evangelho, tenha ocorrido influência tanto da religião helenística como do pensamento judaico. Quanto à Qumran, não viu grandes afinidades com o pensamento joanino.

Para K. H. Schelkle<sup>67</sup> (1972), os rolos de Qumran contribuem para esclarecer diversos problemas nos textos das epístolas paulinas, mas principalmente no Evangelho segundo João e na 1ª Carta joanina, uma vez que apresentam entre si uma linguagem e concepção de mundo dualista, susceptíveis de serem comparadas entre si. Porém, quanto ao Quarto Evangelho, apesar das semelhanças na forma, reconhece a diferença essencial com relação a Qumran. O dualismo, por exemplo, é concebido por ambos de modo diferente. Portanto, acha difícil comprovar uma influência imediata de Qumran sobre o evangelho joanino. O que considera é que Qumran faz parte do fundo histórico e ideológico contemporâneo no qual se destaca o Quarto Evangelho e do qual simultaneamente se distancia. Segundo Schelkle, os escritos de Qumran atestam ainda que a ideologia e a linguagem dualistas usadas no evangelho foram empregadas até no judaísmo mais rigoroso. O Quarto Evangelho acolheu, pois, as concepções correntes em seu tempo, de modo independente e crítico.

Também J. Painter<sup>68</sup> (1993) é de opinião que o Quarto Evangelho compartilha algumas feições que chamam a atenção com os textos de Qumran. No entanto, considera que nada indica necessariamente que houve uma dependência direta com tais textos. Antes, estas aproximações evidenciam o caráter sincretista e sectário do judaísmo palestino no primeiro século. As semelhanças mostram ainda como o judaísmo daquela época desenvolveu temas e idéias que são também encontradas no Antigo Testamento. Assim, o Quarto Evangelho não fez uso dessas formas e do Antigo Testamento em um "vácuo", mas no contexto de como era entendido no judaísmo de seu tempo. Os textos de Qumran, então, mostram um extenso contexto para uso do evangelista de uma linguagem antitética, como "acima/embaixo", "este tempo/o tempo que virá", "bem/mal", "os filhos da luz/os filhos das trevas". Painter concluiu, no entanto, que a teologia de João é radicalmente diferente.

---

<sup>67</sup> Cf. SCHELKLE, K. H., *A Comunidade de Qumran e a Igreja do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1972.

<sup>68</sup> Cf. PAINTER, J., *The Quest For The Messiah - The History, Literature and Theology of the Johannine Community*. Edinburgh: T & T Clark, 1993, p. 35-52.

**3º grupo:** Autores que, com maior convicção, reconhecem certa influência, direta ou indireta, do pensamento essênio expresso na literatura de Qumran sobre o processo de formação do Quarto Evangelho:

W. Grossouw<sup>69</sup> (1950-51) apontou o dualismo presente em Qumran como próximo daquele apresentado no evangelho de João. No entanto, afirma o dualismo joanino é de decisão da vontade, onde a liberdade e a responsabilidades do homem são muito mais enfocadas. Destacou ainda outros paralelos entre ambos os escritos, como "testemunho da verdade", "praticar a verdade", "filhos da luz", "luz da vida", o duplo "amém", etc. Acrescentam-se a estes aspectos, as semelhanças de estilo quanto ao paralelismo e à repetição. Grossouw concluiu que é possível pensar em certa influência de pensamento, direta ou indireta, dos escritos de Qumran sobre o Quarto Evangelho.

Também abordando o tema do dualismo luz/trevas nos escritos de Qumran, L. Mowry<sup>70</sup> (1954) apresentou a possibilidade de que, no tempo da primeira revolta judaica, ou até mesmo antes disso, certos grupos judeus, como o de João Batista, o dos essênios do Mar Morto e o dos cristãos tenham fugido para o norte. Para o caso dos essênios e dos cristãos, Mowry considera bem provável que tenha ocorrido este êxodo, uma vez que eles já tinham grupos estabelecidos em Damasco. Lá foi, portanto, um centro onde vários grupos religiosos puderam entrar em contato com conceitos diversos. Em sua opinião, ainda, é concebível que nesta região o escritor do Quarto Evangelho tenha tido conhecimento sobre o dualismo ético essênio. Mowry elabora um diagrama, no entanto, onde localiza a retomada do pensamento dualístico do Quarto Evangelho no final de um sistema de influências que parte, por um lado, do judaísmo primitivo, passando pelo cristianismo primitivo, e por outro também do dualismo ético iraninano e do pensamento de Qumran.

M. E. Boismard (1955)<sup>71</sup> ressaltou que a influência dos textos de Qumran sobre os escritos de João se faz sensível sobretudo sobre a 1ª Carta de João, mas

<sup>69</sup> Cf. GROSSOUW, W., *The Dead Sea Scrolls and the New Testament* in **StC** 26 (1952-53), p. 1-7.293-299.

<sup>70</sup> Cf. MOWRY, L., *The Dead Sea Scrolls and The Background for The Gospel of John* in **BA** XVII (1954), p. 78-97.

<sup>71</sup> Cf. BOISMARD, M. -E., *La Literatura de Qumrán y los Escritos de San Juan* in **CuBi** 12 (1955), p. 250-264; Id., *L'Évangile de Jean - Synopse des Quatre Évangiles* II. Paris: Les Éditions du Cerf, 1977, p. 66-67.

também sobre o evangelho ao nível de Jo II-B. De fato, Boismard acredita que foi nesta etapa da redação do evangelho que aconteceu certa influência dos escritos de Qumran. Coloca, então, como significativas as oposições "luz/trevas", "verdade/mentira", e, enfim, a oposição entre o mundo do bem e o mundo do mal; também as expressões "filhos das trevas" e "Espírito da verdade". Apesar de reconhecer que muitas questões ainda estão abertas nesta relação Qumran/João, Boismard considera por certo que João permaneceu profundamente influenciado, pelo menos em suas expressões, pelo determinismo da "Instrução dos Filhos da Luz", sabendo corrigir o que tal doutrina mantinha de exagerado. Para isto, fez intervir, sobretudo, a fé em Cristo, que permite a liberdade humana.

No mesmo ano, F. -M. Braun<sup>72</sup> (1955) também comparou o dualismo presente na literatura joanina com aqueles presentes em Qumran, e constatou que, à primeira vista, os paralelos são impressionantes. O binômio "luz/trevas" é assim o elemento comum melhor atestado. Esclarece, porém, que os paralelos têm seus limites, pois a expressão qumrânica "filhos da luz" só ocorre uma vez em João (cf. 12,35), e "filhos das trevas", nunca. Ao contrário, há expressões joaninas que faltam em Qumran, como o dualismo vida/morte. Braun acredita, no entanto, na existência de uma influência que, diretamente ou não, a comunidade de Qumran exerceu sobre a mentalidade do evangelista ou das tradições das quais ele seria simplesmente um eco. Esta influência pôde ter acontecido através de diversas etapas: por meio dos discípulos de João Batista que pertenceriam à comunidade joanina; depois, na Palestina por meio dos qumranitas convertidos à Igreja, e, finalmente, em Antioquia ou em Éfeso, por meio dos sobreviventes de Qumran que emigraram para estas localidades e entraram em contato com o círculo joanino.

Para W. F. Albright<sup>73</sup> (1956) há muitas analogias entre os escritos de Qumran e os evangelhos Sinóticos, as epístolas paulinas e os outros livros do NT, mas essas analogias são mais abundantes nas áreas em que tais livros se assemelham mais ao evangelho de João. Quanto às analogias de Qumran com Paulo, lembra que estas são importantes devido à tendência secular de afastar o

<sup>72</sup> Cf. BRAUN, F. -M. *L', Arrière-Fond Judaïque du Quatrième Évangile et la Communauté de L' Alliance* in **RB** 62, p. 5-44; LÉGASSE, S. in H. Braun, *Qumran und das Neue Testament* in **RevQ** 24 (1969), p. 573-581; *Hermétisme et Johannisme* in **RevThom** 1 (1955), p. 22-42.

<sup>73</sup> Cf. ALBRIGHT, W. F., *Recent Discoveries in Palestine and the Gospel of St. John* (Studies in honour of C. H. Dood, ed. por Davies W. D.; Daube, D., *The Background of the New Testament its Eschatology*). Cambridge: Cambridge University Press, 1956, p.153-171.

máximo possível o Quarto Evangelho das epístolas paulinas. O dualismo ético, embora apareça em todo o Novo Testamento, é expresso com mais força em João e em Paulo.

Em 1957, J. Daniélou<sup>74</sup> traçou os pontos de contato entre a comunidade de Qumran e os Atos dos Apóstolos, as Cartas Paulinas, a literatura joanina e as Epístolas Católicas. Fala assim de uma presença anônima de Qumran nos evangelhos na pessoa dos "verdadeiros israelitas" e dos "pobres de Israel". Quanto ao evangelho joanino, observou que ele está todo construído sobre o tema do conflito luz e trevas, o mesmo motivo apresentado na literatura de Qumran; além de outras expressões comuns em ambos escritos, como "luz da vida", "caminhar nas trevas", "dizer a verdade", "obras de Deus". No entanto, Daniélou chama a atenção que o Quarto Evangelho modifica o conteúdo, substituindo o Anjo de Luz qumrânico pelo Verbo encarnado.

F. M. Cross<sup>75</sup> (1958) insistiu que o *Sitz im Leben* da tradição joanina deve ser procurado onde o cristianismo judaico era dominante, e, ao mesmo tempo, onde a influência essênica persistiu. Neste sentido, chega à conclusão que o único lugar que reúne essas características é justamente Jerusalém antes da destruição, em 70 d.C. Este foi o período formativo da tradição. Considera ainda que o material do Quarto Evangelho tomou forma em alguma localidade onde a corrente essênica se manteve presente após 70, de modo a exercer uma influência de idéias sobre ele.

K. Schubert<sup>76</sup> (1959) se manteve categórico ao afirmar que os escritos de Qumran devem ser vistos como a base decisiva para a formação do Quarto Evangelho, de modo que um dos resultados mais importantes da pesquisa sobre Qumran é provar a origem judaica do evangelho joanino de modo definitivo.

P. Benoit<sup>77</sup> (1960-61) é de opinião que uma influência do essenismo sobre o cristianismo é secundária, porém real. Ela poderia ser explicada pelo fato de haver essênios convertidos na igreja primitiva, para onde levaram suas ideias.

<sup>74</sup> DANIÉLOU, J., *Église Primitive et Communauté de Qumran* in **Études** may (1957), p. 216-235.

<sup>75</sup> Cf. CROSS, F. M., *The Ancient Library of Qumran and Modern Biblical Studies*. London: Duckworth, 1958.

<sup>76</sup> Cf. SCHUBERT, K., *The Dead Sea Community: The Background to the Dead Sea Scrolls*. New York: [s.e.], 1959.

<sup>77</sup> Cf. BENOIT, P., *Qumrân et le Nouveau Testament* editado por J. MURPHY O'CONNOR in **NTS** 7 (1960-1), p. 276-296.

Reconhece, porém, que o pensamento essênio exerceu uma influência maior na evolução posterior da Igreja, como na sistematização teológica elaborada por João. O forte colorido qumrânico característico do Quarto Evangelho pode ser explicado pelo fato da tradição identificar a região de Éfeso como o local de sua composição. Seria então nas proximidades de Éfeso que se deu o contato entre círculos joaninos e o pensamento de Qumran.

K. Beyer<sup>78</sup> (1962), em um detalhado trabalho com abundante material comparativo, demonstrou que no Evangelho de João e em 1-3 Jo se apresentam com maior clareza os hebraísmos e os aramaísmos e que, sob o aspecto lingüístico, recordam fortemente os escritos de Qumran. Para ele, este fato pode significar uma influência da linguagem essênica sobre o Quarto Evangelho.

O. Böcher<sup>79</sup> (1965) argumentou que o dualismo joanino tem maior afinidade com o dualismo apocalíptico de Qumran do que com algum pensamento no gnosticismo ou na literatura helenística, e isto pode significar certo grau de influência do essenismo sobre o pensamento joanino.

A. -M. Hunter<sup>80</sup> (1968), analisando a Regra da Comunidade de Qumran (1QS), verificou que ela apresenta termos teológicos semelhantes aos apresentados no Quarto Evangelho, e que tais termos em João eram, antes das descobertas de Qumran, tidos como de influência gnóstica e grega. Citou, então, as expressões "andar na verdade", "filhos da luz", "a luz da vida", entre outros. Em conclusão, reconheceu que os manuscritos de Qumran apresentam um melhor quadro de referências para o estudo do pensamento do evangelho joanino, de modo que tais influências sobre o evangelho são possíveis.

J. H. Charlesworth<sup>81</sup> (1968-69) clarificou uma questão muito controversa ao apresentar uma tabela contendo numerosas semelhanças de vocábulos entre a Regra da Comunidade de Qumran (1QS) e os escritos joaninos; e ainda os paralelos entre o Rolo da Guerra e o Quarto Evangelho, Paulo e o Apocalipse.

<sup>78</sup> Cf. BEYER, K., *Semitische Syntax im Neuen Testament*, vol. 1. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1962, p. 17-18.

<sup>79</sup> Cf. BÖCHER, O., *Der Johanneische Dualismus im Zusammenhang des nachbiblischen Judentums*. Gütersloh: Mohn, 1965 in FITZMYER, J. A., *The Qumran Scrolls and the New Testament After Forty Years* in **RQ 13** (1988), p. 620.

<sup>80</sup> Cf. HUNTER, A. -M., *Saint Jean Témoin du Jésus de L'Histoire*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1970.

<sup>81</sup> Cf. CHARLESWORTH, J. H., *A Critical Comparison of the Dualism in 1QS 3,13-4,26 and the Dualism Contained in the Fourth Gospel* in **NTS 15**, 1968-69, p. 389-418; Id., *The Dead Sea Scrolls, Hebrew, Aramaic, and Greek Texts with English Translations 2 Damascus Document, War Scroll, and Related Documents* in ELLIOTT, J. K., **NT 37** (1996), p. 399-400.

Argumentou inclusive que essênios viviam na comunidade joanina. Admitiu, em conclusão, que João foi fortemente influenciado pelas expressões e terminologias de 1QS.

G. E. Wright<sup>82</sup> (1975) considerou chamativo o contraste entre luz e trevas presente no Quarto Evangelho e nos escritos de Qumran. Acrescentou que João usa quase exatamente as mesmas expressões que antes usavam os essênios, como "filhos da luz" e "luz da vida". No entanto, notou que o dualismo ético está presente não apenas na literatura joanina, mas também nas cartas paulinas, onde há muitas passagens relativas à luta que se desenrola no mundo contra as trevas. Porém, Wright explicou que em Paulo, há um acento mais militante; em João e em Qumran, não se destaca tanto este aspecto militante, mas, em vez disso, há uma oposição quase estática às forças adversas.

Na opinião de I. Gómez<sup>83</sup> (1976) existem sérias razões para se pensar que os essênios, do tipo de Qumran, aderiram em grande número ao cristianismo. Isto explicaria, segundo ele, não só alguns traços da vida de comunidade na Igreja primitiva que recordam a Regra da Comunidade qumrânica, como também a grande qualidade de vida espiritual alcançada tão rapidamente pelos cristãos, e a maneira com que dela falam Paulo e, sobretudo, João. Observa ainda que a vida comunitária da Igreja primitiva de Jerusalém, tal como descreve Lucas, recorda fortemente a comunidade do Mar Morto. Gómez considera João possivelmente o autor neotestamentário que mais estreita relação tem com os escritos de Qumran: sua doutrina dualista (luz-trevas, verdade-mentira, Jesus-Satã) está marcada pela concepção dualista do homem, da história e do cosmo, como é característica da comunidade de Qumran. Como na Regra da Comunidade, na concepção joanina a atitude diante da luz ou das trevas divide o homem em duas categorias, a da luz e a das trevas. Chama a atenção, porém, que a expressão "filhos da luz", característica dos escritos de Qumran e bastante usada por Paulo, só aparece uma vez em João (cf. 12,36).

Também no ano de 1976, O. Cullmann<sup>84</sup> expressou seu ponto de vista de que o grupo joanino foi parcialmente formado por membros da comunidade de João Batista, de modo particular por aqueles que participaram da primeira redação

---

<sup>82</sup> Cf. WRIGHT, G. E., *Arqueología Bíblica*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1975.

<sup>83</sup> Cf. GÓMEZ, I., *Qumran y el Nuevo Testamento* in **NV 1** (1976), p. 7-28.

<sup>84</sup> Cf. CULLMANN, O., *Le Milieu Johannique*. Paris: Delachaux & Niestlé, 1976, p. 45-93.

do evangelho, e que introduziram nele as ideias essênias oriundas do círculo de João Batista. Cullmann também considerou possível que sobreviventes de Qumran tenham aderido à comunidade joanina, levando para ela as concepções características daquela comunidade.

R. Schnackenburg<sup>85</sup> (1979) também observou que a proximidade da literatura qumrânica com os escritos joaninos se encontra na forma dualista de pensamento e de expressão, especialmente em 1QS e 1QM, e na sua linguagem, marcada pela consciência da eleição, da revelação divina e da proximidade com Deus. Os conceitos de "verdade", de "revelar", de "conhecer", o significado do "Espírito Divino", a "aspiração ao mundo celestial", a "união fraterna sobre a terra"... parecem conferir à comunidade de Qumran uma afinidade bastante estreita com círculos que, pela linguagem e estilo, estão sob a literatura joanina. Ao comparar, ainda uma vez, os pares de contrários que se ressaltam nos textos de Qumran e no Quarto Evangelho, chegou ao resultado de que algumas formas de enunciados joaninos, como luz/trevas, verdade/mentira, espírito/carne, estão tão próximas de Qumran como em nenhuma outra parte na literatura judaica tardia. Mas como este modo de pensar está associado quase totalmente às formas de expressão veterotestamentárias, este é o argumento mais forte de que o dualismo joanino não pode ser tomado de Qumran. Schnackenburg concluiu, assim, que, se é difícil por um lado, um empréstimo direto das ideias qumrânicas, há de se levar em conta certo contato, seja qual for a forma em que se desenvolveu. Ficam abertas, então, muitas possibilidades: seria uma relação através dos discípulos de João Batista que passaram para Jesus (cf. Jo 1,35-51), ou através dos essênios de Qumran que mais tarde aderiram às comunidades cristãs joaninas, ou ainda por meio de um encontro do autor com estes círculos que influenciaram seu pensar teológico? Seria uma relação com os escritos mesmos ou só contato com tais círculos essênios? Observa, enfim, que fica pendente ainda a questão se o Quarto Evangelho não se adaptou a um tipo de discurso propagado em seu tempo e que o autor quis empregar também para sua revelação de Cristo.

---

<sup>85</sup> Cf. SCHNACKENBURG, R., *El Evangelio Según San Juan I*. Barcelona: Editorial Herder, 1979, p. 136-137.156-162.

A. Shafaat<sup>86</sup> (1980), ao relacionar o termo *geber* ("homem") presente nos escritos de Qumran com o Espírito-Paráclito prometido no evangelho de João, sugeriu que a tradição joanina acerca do Paráclito é, em última análise, dependente da tradição qumrânica.

Levando em consideração o gênero de interpretação rabínica presente no Quarto Evangelho e nos escritos da comunidade de Qumran, E. Cothenet<sup>87</sup> (1989) evidenciou que a publicação dos textos do Mar Morto levou a um corte na hipótese mandeísta com relação aos escritos joaninos. Confirmou assim que o dualismo encontrado em João tem suas raízes na tradição palestinese, o que explicaria certos usos do gênero *peshet* nos seus escritos, forma muito comum usada pelos autores dos escritos essênios de Qumran.

Também dentro dos gêneros de interpretação rabínica, F. García Martínez e J. Treballe Barrera<sup>88</sup> (1995) identificaram os métodos de interpretação *peshet* da Escritura nos textos de Qumran, enfocando os pontos de contato com o Novo Testamento, e com o Quarto Evangelho em particular. Em conclusão, apresentaram que os textos neotestamentários, especialmente os do Evangelho de João, mostram numerosos paralelos e pontos de contato com os textos de Qumran no uso deste modo de interpretação.

Abordando as formas e as expressões dualistas presentes nos manuscritos encontrados nas grutas de Qumran, J. Vázquez Allegue<sup>89</sup> (2000) defende que tanto o Quarto Evangelho como a literatura epistolar joanina refletem o ambiente de oposição de contrários presentes em Qumran, como o dualismo luz/trevas. Conclui, então, que já não se pode mais afirmar que João é o mais helenístico dos evangelhos, pois agora a base de seu pensamento é resultante diretamente de uma seita judaica enraizada em solo palestino, ou seja, de Qumran.

---

<sup>86</sup> Cf. SHAFAT, A., *Geber of the Qumran Scrolls and the Spirit-Paraclete of the Gospel of John* in *NTS* 27 (1980), p. 263-269.

<sup>87</sup> Cf. COTHENET, E., *L'arrière Plan vétéro-Testamentaire du IV<sup>e</sup> Évangile* in *LD* 143, p. 43.

<sup>88</sup> Cf. GARCÍA MARTÍNEZ, F.; TREBALLE BARRERA, J., *The People of the Dead Sea Scrolls* in *NT* 4 (1996), p. 400-402; *Os Homens de Qumran - Literatura, estrutura e concepções religiosas*, Petrópolis: Vozes, 1996, p. 145.256.

<sup>89</sup> Cf. VÁZQUEZ ALLEGUE, J., *Los Hijos de la Luz y Los Hijos de las tinieblas: El prólogo de la Regla de la Comunidade de Qumrán*. Estella: Editorial Verbo Divino, 2000, p. 322.

### **Conclusão:**

Os autores que defendem apenas um pano de fundo judaico geral no desenvolvimento do pensamento no Quarto Evangelho, ou mesmo, a influência de um sincretismo religioso, sem que haja, por isso, uma ligação entre o pensamento de Qumran e o Quarto Evangelho, são: Brown, Stemberg, Quispel, Lamadrid, Marzotto e Fitzmyer.

Os autores que não reconhecem qualquer influência dos escritos de Qumran sobre o Quarto Evangelho são: Kuhn, Dodd, Baumbach, Grant, Teeple, Blackmann, Schulz, Marsh, Barret, Schelkle e Painter. Segundo estes autores, os pontos de distanciamento que podem se apresentados são: o campo geral das concepções comuns do judaísmo tardio exclui uma influência única de pensamento sobre o Quarto Evangelho; os paralelos entre ambos escritos refletem antes um sincretismo religioso; alguns paralelos, como as formas dualistas luz/trevas, vida/morte, também aparecem no AT e na literatura apócrifa; o dualismo é concebido de forma diferente; João não afirma que Deus criou o líder da luz, mas este é a própria luz vinda ao mundo.

Os autores que reconhecem alguma influência, direta ou indireta, da literatura de Qumran sobre o Quarto Evangelho são: Grossouw, Mowry, Boismard, Braun, Albright, Daniélou, Cross, Schubert, Benoit, Beyer, Böcher, Charlesworth, Hunter, Wright, Culmann, Gómez, Schnackenburg, Shafaat, García Martinez e Trebole Barrera, e Allegue. Segundo eles, é possível relacionar os seguintes pontos de aproximação: o uso comum de expressões como: luz da vida, filhos da luz, testemunho da verdade, praticar a verdade, dizer a verdade, andar na verdade, caminhar nas trevas e obras de Deus; semelhanças de estilo como: uso de paralelismos e repetições, e o duplo amém; formas dualistas comuns: luz/trevas, verdade/mentira, mundo do bem/mundo do mal; o dualismo ético, apocalíptico e monoteísta; dualismo não metafísico, linguagem marcada pela consciência da eleição, da revelação divina e da proximidade com Deus, aspiração ao mundo celestial, e união fraterna sobre a terra.

Juntamente com estes autores, eu desenvolvo esta tese na hipótese do Quarto Evangelho ter sido, de alguma forma, influenciado pelas ideias qumrânicas sobre a luz, de modo que, a partir de tais conceitos, enfatizou os ditos de Jesus referentes a este tema, a fim de apresentá-lo como a verdadeira "luz". A

contribuição deste estudo é abordar os paralelos entre a Regra da Comunidade e o evangelho joanino no contexto de uma utilização mútua do tema da luz, tão importante para os dois corpos literários. Pretendo, com esta abordagem, lançar um novo ponto de vista sobre a elaboração literária do Quarto Evangelho no que diz respeito às definições cristológicas baseadas no conceito de luz.

## 1.2.

### **Apresentação**

Os autores costumam concordar que o Quarto Evangelho apresenta características bastante particulares quando comparado com os outros evangelhos, chamados comumente de sinóticos. O simbolismo é um destes aspectos marcantes, onde o leitor se surpreende com o caráter ambíguo das palavras. Assim, na teologia de João, tudo é símbolo de uma realidade a ser descoberta. E uma dessas realidades é a luz. Sempre direcionada à pessoa de Jesus, são nos escritos joaninos, entre todos os livros do Novo Testamento, que a luz alcança a sua máxima expressão. É, pois, no âmago do simbolismo da luz que esta tese delinea uma proposta de leitura para o Quarto Evangelho com base numa proximidade com o pensamento de Qumran, fortemente marcado pela ideia da luz.

É verdade que, por longos anos, a história da interpretação do evangelho joanino teve o referencial voltado quase exclusivamente para as fontes helenísticas, com suas religiões de mistérios. Porém, uma outra chave interpretativa começou a tomar impulso: tratava do reconhecimento das características fortemente judaicas do Quarto Evangelho. Um reforço nesta abordagem se deu com a descoberta dos manuscritos essênios de Qumran, que apresentam surpreendentes paralelos com os textos joaninos, paralelos mais próximos no tempo e no espaço que outras formas literárias. É neste sentido que os manuscritos de Qumran passaram a ser a chave privilegiada não só para o vocabulário e o estilo, mas também para as concepções de fundo do Quarto Evangelho.

A nova perspectiva de leitura que esta tese pretende oferecer diz respeito à percepção de um substrato judaico-qumrânico nos ditos joaninos sobre Jesus-Luz. Neste intento, apresenta primeiramente uma visão detalhada sobre a importância do conceito de luz para os essênios de Qumran, como desenvolvida

particularmente na Regra da Comunidade, documento legal representativo da seita. A partir deste ponto, a exegese das ocorrências do termo  $\text{f}w/j$ , em nove perícopes do evangelho, assim como a análise das aplicações do conceito de luz a Jesus permitem sustentar que a intenção do evangelho segundo João é afirmar enfaticamente que Jesus é a plenitude da luz enquanto salvação oferecida à humanidade, que afasta das trevas e conduz a Deus. Os passos seguintes conduzem ao propósito da tese, que é a apresentação de Jesus como a realização das perspectivas qumrânicas referentes à ideia de luz. Os dados no decorrer deste trabalho querem, portanto, levar à constatação de que houve um desejo de aproximação literária, quanto aos conceitos referentes à luz, entre o Quarto Evangelho e a Regra da Comunidade. Esta alusão deliberada do pensamento dos homens de Qumran pelo evangelho joanino quer enfatizar que Jesus é a verdadeira luz e somente ele conduz os filhos da luz ao reino da luz. O ponto de chegada desta tese leva, ao mesmo, à implicação de que este estrato literário de pano de fundo judaico-qumrânico diz algo sobre o *Sitz im Leben* do escrito joanino sobre Jesus-Luz. O que este estudo propõe ainda é que tais ditos respondiam às inquietações e aos anseios de cristãos provenientes de círculos essênios herdeiros da mensagem qumrânica imbuídos da ideia de luz. É neste sentido que Jesus foi apresentado enfaticamente como a luz do mundo, prometendo a luz da vida aos que o seguirem.

### 1.2.1.

#### **Justificativa**

Esta tese se justifica por um novo ponto de vista na interpretação do Quarto Evangelho referente à razão e à forma pela qual Jesus é apresentado simbolicamente como "luz". A abordagem proposta apresenta como substrato dos ditos joaninos sobre Jesus-Luz o pensamento essênio qumrânico baseado na ideia da luz, como aquele representado pela Regra da Comunidade. De fato, esta abordagem ainda não foi desenvolvida em estudos anteriores, pois estes se limitam a destacar as semelhanças de vocabulário e de estilo ou ainda alguma estrutura isolada entre os escritos joaninos e os manuscritos de Qumran, sem, no entanto, apresentarem conclusões mais precisas. Desta forma, traçando um fio condutor no pensamento que parte da Regra da Comunidade e alcança o texto do

evangelho joanino, esta tese propõe que houve uma intenção consciente de se fazer a conexão entre o Cristo-Luz e a qumrânica.

### 1.2.2.

#### Objetivo

Os objetivos que norteiam esta tese são:

- Apresentar os termos e as ideias características contidas na Regra da Comunidade e no Quarto Evangelho, evidenciando: as feições básicas presentes nos manuscritos, mas não no Quarto Evangelho; os principais paralelos quanto à linguagem, porém não quanto ao pensamento; paralelos em ideias gerais; e paralelos entre o evangelho joanino e os manuscritos de Qumran, mas não encontrados no AT.
- Demonstrar que há um pano de fundo do pensamento qumrânico na elaboração literária do Quarto Evangelho quanto à ideia de "luz" aplicada a Jesus.

### 1.3.

#### Metodologia

Como esta tese tem como perspectiva a análise literária do Quarto Evangelho a partir de sua relação com a Regra da Comunidade, no tema da luz, será utilizado o método da crítica literária para determinar nos ditos joaninos sobre Jesus-Luz as passagens referentes à luz na Regra da Comunidade.

O texto da Regra da Comunidade será o do manuscrito encontrado na gruta 1, cuja sigla é 1QS, por ser o mais completo e bem conservado. Para o texto vocalizado, seguirei o indicado pela obra de H. Von; E. Lohse, *Die Texte aus Qumran*, 1964. Quanto ao evangelho joanino, o texto grego se baseará no *Novum Testamentum Graece*, de Nestle-Aland, 27ª edição.

A exegese das perícopes será feita a partir do método histórico-crítico, cuja leitura diacrônica terá como objetivo reconstruir o processo histórico dos textos. A comparação dos termos  $\text{rwOa}$ , em 1QS, e  $\text{fw/j}$ , no Quarto Evangelho, assim como os desenvolvimentos semânticos relacionados à luz, seguirá os métodos de

análise sincrônica, a fim de explicitar as semelhanças e divergências linguísticas e semânticas entre ambos contextos literários.